



**EU PODERIA FALAR SOBRE COLABORAÇÃO...**

***I COULD TALK ABOUT COLLABORATION...***

Guilherme Bruschi Frizzo<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Associado/a/e ANPAP: não

Debora Pazetto Ferreira<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
Associado/a/e ANPAP: não

**RESUMO**

Este texto se pretende um ensaio errático, ou um erro ensaístico. É uma escrita performática que se desenrola como relato e protesto sobre a inserção e circulação de práticas artísticas coletivas e colaborativas nos espaços de legitimação acadêmicos. Se divide em três seções que tratam sobre a relação conflituosa dessas práticas a partir do desmonte da noção de autoria, de especialidade e de especificidade dos campos. O texto deambula e se questiona, imaginando um outro cenário possível de elaboração e circulação do conhecimento.

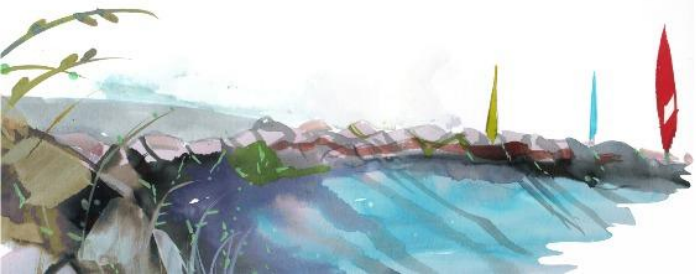
**Palavras-Chave:** Práticas coletivas e colaborativas. Processos artísticos contemporâneos. Escrita performática.

**ABSTRACT**

*This text intends to be an erratic essay, or an essayistic error. It is a performance writing that unfolds as a report and a protest on the insertion and circulation of collective and collaborative artistic practices within academic legitimation spaces. It is divided into three sections that address the conflicting relationship of these practices based on the disassembling of the notions of authorship, of expertise and of specificity of fields. The text roams and questions itself, imagining another possible scenario of elaboration and circulation of knowledge.*

**KEYWORDS:** *Collective and collaborative practices. Contemporary artistic processes. Performance writing.*

Eu, que escrevo este texto, sou um professor de arte. Quem escreve comigo é minha orientadora. Eu também sou artista, assim como ela. Sou artista porque a docência me possibilitou o acesso à máquina de criação (BENJAMIN, 1987) e, por acessar a



# extremos

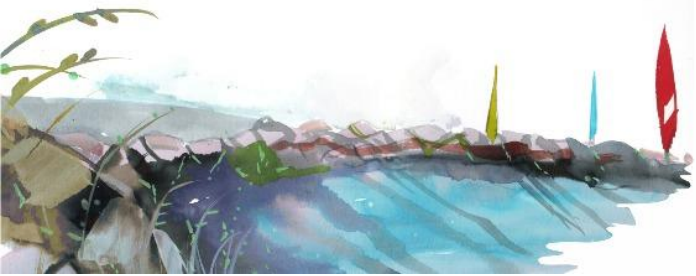
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

possibilidade de criação em arte pelo e para o ensino, não consigo conceber um processo de criação que se dê de modo completamente individual. Entrar numa sala de aula já é se colocar numa situação de coletividade, mas a sala de aula é uma coletividade que *ninguém escolhe fazer parte*. Nesse contexto, convidar à criação possibilita estabelecer uma situação de colaboração. Desde que me tornei professor de arte, em 2019, esse é meu desejo.

No entanto, desde 2023, tenho refletido de maneira mais radical sobre o papel de professor, artista e pesquisador. E, tratando de colaboração, existem práticas e condutas que acho que há muito deveriam ter abandonado nosso campo. Não acredito em nenhum processo coletivo que, quando apresentado academicamente, leve consigo apenas alguns nomes. Não acredito que uma pessoa consiga escrever sobre um trabalho que foi elaborado por dez ou vinte ou trinta pessoas. Não acredito porque *o texto já estava escrito*, dizer é escrever. Qualquer pessoa que aceite, individualmente, apresentar um processo coletivo, traí todas as pessoas que não têm o seu nome considerado enquanto autoria. E traí uma segunda vez quando concebe a possibilidade de uma reflexão que se faça separada do processo. A reflexão já estava ali, na feitura do trabalho.

Desde que passei a refletir sobre isso, cada vez mais, me vejo em embaraços. Desde 2024, ano de minha entrada na pós-graduação, só tive uma oportunidade – não menos embaraçosa e conflituosa – de apresentar coletivamente um processo elaborado coletivamente. Todas as outras vezes encontrei limitações técnicas. Mas limitações técnicas são desenhos de lugares, elas definem as repartições, os acessos possíveis e impossíveis de um comum (RANCIÈRE, 2009). O mais usual é me deparar com a limitação do número de **autores autoras autoras** que um trabalho pode ter: um, dois, três... Aí, a solução que me é oferecida é escrever o artigo sozinho e citar que ele é uma reflexão sobre um processo coletivo.

No fim, isso seria fundamentar dois lugares: existem, no processo, pessoas que apenas trabalham, e alguém com competência para *refletir sobre*. Uma estudante da



educação de jovens e adultos não reflete sobre o seu processo de criação? Uma criança de oito anos não reflete sobre o seu processo de criação? Um homem em privação de liberdade não reflete sobre o seu processo de criação? E, não me entenda mal, meu objetivo aqui não é pontuar que um artigo precise ser escrito por oito ou dezessete ou vinte e quatro pessoas. Eu mesmo acho que isso é dispendioso e muito distante de uma dinâmica de trabalho interessante. Mas quando uma ou duas ou três ou mais pessoas escrevem sobre um processo coletivo, essas pessoas são escribas. Ou **cartógrafos***cartógrafas*cartógrafes (DELEUZE; GUATTARI, 2011), se preferir. Escribas porque o texto já se escreveu antes. A tarefa, ali, é transcrevê-lo. É fazê-lo dizer diferente, numa situação de comunicação diferente. E, mesmo quando transcrito por quatro pessoas, existem vinte e sete ou trinta ou cinquenta e três vozes que o disseram antes. É por isso que o nome da minha orientadora aparece aqui: esse texto, antes, foi conversa. Ele já existia enquanto conversa, olhar e toque.

Aceitar assumir individualmente a autoria da reflexão de um trabalho coletivo é negar qualquer relação de colaboração pautada por uma noção de igualdade que tenha se dado antes, por mais que algumas coletividades escolham essa saída estrategicamente. É por isso que, aqui, eu não falarei sobre colaboração. Eu poderia falar sobre colaboração, mas: 1) ela destroça com a noção de elaboração individual do conhecimento que fundamenta os processos de legitimação acadêmicos; 2) ela questiona a monocultura do saber, em favor de um saber-capoeira, terreno baldio; 3) ela desarticula o saber separado em disciplinas, linhas, cursos, programas.

## **1) A colaboração destroça com a noção de elaboração individual do conhecimento que fundamenta os processos de legitimação acadêmicos.**

Eu poderia falar sobre colaboração, mas existe algum saber que se elabore individualmente? Tem como falar, sozinho, sobre algo? Apesar de achar que não, e encontrar essa mesma convicção nos escritos e nas falas de **inúmeros inúmerasinúmeres** colegas, todo o processo de legitimação do saber na academia é pautado na noção de autoria. De onde você tirou isso? Quem disse isso? Quem te embasa, sustenta? Você já ouviu essas perguntas. Eu já ouvi essas perguntas.



Toda vez que eu recebo a tarefa ou assumo o compromisso de escrever, eu me questiono: quem está escrevendo comigo? Empilho, em minha mesa, livros, cartões postais, folhetos etc. Existe, nisso, algo de ritualístico. Eu tento visualizar ali as ressonâncias entre aqueles escritos, tento entender se essa roda de conversa levaria a algum lugar. E isso porque eu concebo o texto enquanto uma conversa, eu converso com todas as vozes que escreveram aqueles livros, cartões postais, folhetos etc. Admitir isso é negar a solidão da escrita, eu estou acompanhado desde o princípio. Não acompanhado como quem precise de uma base ou de uma sustentação, mas como quem gosta de fazer as coisas em coletivo. Eu cito por desejo de fazê-lo.

Mas o texto publicado tem seus modos de legitimação já estabelecidos, o que acontece quando conversamos com aquilo que é irreferenciável? Não na ordem do que *não se deve* referenciar, mas daquilo que não se tem como. Como se referencia uma aula? Uma conversa? A cartografia ajuda. Mas quem leva o crédito na autoria do texto? **OAU cartógrafo**cartógrafafacartógrafo. O que eu tento dizer, aqui, é que talvez a questão não seja encontrar modos de citar, mas entender que isso deve se dar no plano da autoria compartilhada. Pense num texto que narre a experiência de uma aula e cite a fala de um estudante – se o texto narra a aula, a aula escreve o texto, logo, o estudante também é escritor. Dizer é escrever.

Estamos **preparados**preparadaspreparades para lidar com textos escritos por trinta e cinco **autores**autorasautoros circulando em revistas acadêmicas? Em eventos regionais, nacionais e internacionais? Publicados em livros? Deixaremos o *et al* entrar em desuso? Ainda acho que não.

## **2) A colaboração questiona a monocultura do saber, em favor de um saber-capoeira, terreno baldio.**

Eu poderia falar sobre colaboração, mas a nossa produção acadêmica ainda se apoia na concepção de latifúndio intelectual – quando uma pessoa se apossa de todo um território do conhecimento para fazer circular uma monocultura de discurso. A autoria individual fundamenta toda uma estrutura de especialistas que se pauta numa noção



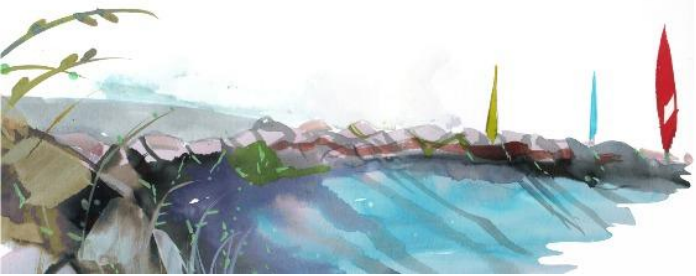
hierárquica de conhecimento. Uma árvore (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A hierarquia que a posição **dodadu** especialista fundamenta não é a do saber que vai do complexo ao simples, mas sim a do válido ao inválido. Fundamenta o jogo de repartições e de posições dos corpos no espaço (RANCIÈRE, 2009) de quem pode falar e do que pode ser dito.

Qualquer pessoa pode falar, desde que seja ou se fundamente em **umumaume** especialista. Essa necessidade de fundamentação e esse desenho de lugares criam, pouco a pouco, territórios de saber que são previsíveis e homogêneos. Territórios que, vistos de cima, se parecem por demais com campos de soja, porque só se concebe saber quando elaborado dentro de uma linha ou tradição. Contrário a um saber que se elabore por diferentes pensares, dissonantes, desarticulados, não-catalogados. Contrário a um saber-capoeira, saber-inço, saber-terreno baldio. Um saber que se espalhe e reconfigure o campo para além da malha quadriculada dos campos de soja do conhecimento. Um saber espaço vazio, que pode ser ocupado e sonhado por mato.

Pensar um saber-terreno baldio, dissonante, não é pregar por uma ética da crítica e da discordância – na verdade, ela já existe. A academia só consegue conceber a dissonância a partir da discordância, saberes distintos que se cancelam. Quando, na verdade, o terreno baldio é a imagem de diferentes coexistindo, encontrando modos distintos de ocupação de um mesmo espaço. É isso que é desentendimento: a possibilidade de dizer a partir do mesmo e nunca dizer igual (RANCIÈRE, 2018), dizer radicalmente diferente sem *negar*. Como pensar o processo artístico por uma polissemia de modos de criar, que coexistam e se contaminem? Como pensar um texto que se elabore numa polifonia de vozes (BAKHTIN, 1981) que digam sempre diferente?

### **3) A colaboração desarticula o saber separado em disciplinas, linhas, cursos, programas.**

Eu poderia falar sobre colaboração, mas nossa concepção de saber separado em disciplinas, linhas, cursos, programas, é contrária a qualquer noção de dialogismo e

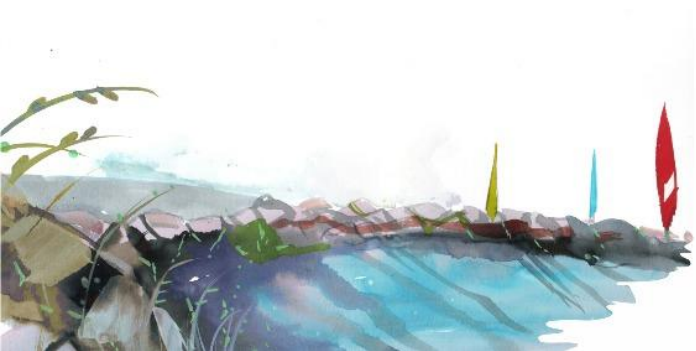


# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

heteroglossia (BAKHTIN, 1981). Eu poderia falar sobre colaboração, mas nessa oportunidade eu me vejo convidado a escolher a palavra, a mesa, o comitê que contém a minha pesquisa. Ensino ou prática? E se minha pesquisa não estiver numa palavra? E se estiver em todas, na maior palavra do mundo, que seja o resultado de gritarmos, **todostodastodos juntosjuntasjuntas**, as nossas palavras? Uma palavra ilegível, indiscernível, incomensurável. Aqui, o que me resta é o “e”. Professor “e” artista. Ensino “e” prática. Essas tentativas de anexação pelo “e” só mostram como, no fim, compreendemos nossas pesquisas como separadas umas das outras. Tão separadas que precisamos transplantar um “e”, que diz que isso e aquilo, diferentes, serão unidos. Unidos a força, enxertados, presos, suturados.

Eu poderia falar sobre colaboração, mas eu precisaria dizer, antes, que isso é a manifestação da noção eurocentrada de saber, e que, para falar sobre colaboração, é preciso conceber um saber que possa se distender, corromper, contaminar, explodir e lançar suas partículas como esporos por toda parte. Um que consiga conceber qualquer material como material a se saber. Que tudo seja artepolíticageologia educaçãosociologiaacústicalinguísticaarquiteturazoologiaobotânicafilosofiadireito. Eu poderia falar sobre colaboração, mas eu precisaria de uma palestra sobre modos de resistência frente aos mecanismos policiais aliciadores e interditanes do desejo no curso de Artes Visuais. Eu poderia falar sobre colaboração, mas eu não consigo falar sozinho. Não consigo desenvolver um trabalho que se pauta pelo abandono do estatuto de Artista com “A” capitular para chegar aqui, numa situação de difusão e veiculação do trabalho e abandonar todos os nomes que conceberam o trabalho comigo. O artista colaborador que na hora de publicar envia apenas o seu nome. Eu poderia falar sobre colaboração, mas eu não consigo fazer isso com cinco ou seis pessoas. Eu poderia falar sobre colaboração, mas precisaria ser junto de cinquenta ou duzentas pessoas. Eu poderia falar sobre colaboração, mas seriam noventa e quatro bocas gritando juntas: colaboração é quando...



## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas, 1981.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor: conferência pronunciada no Instituto para o estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 120-136.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: 34, 2011. v. 1.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 2. ed. São Paulo: EXO experimental; 34, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento: política e filosofia**. 2. ed. São Paulo: 34, 2018.

## Notas

---

<sup>1</sup> Professor de arte licenciado em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) e mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de Processos Artísticos Contemporâneos. Desenvolve pesquisas que partem das condições de inserção no ensino para pensar as possibilidades e negociações entre ensino, liberdade e desejo. E-mail: guilhermebruschif@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9146064563786249>.

<sup>2</sup> É artista e docente do curso de artes visuais e do PPGAV/UDESC. Tem graduação em filosofia e em artes visuais, mestrado e doutorado em filosofia da arte. Sua atuação transversal (teorias e processos) deriva de pesquisas em teorias queer/cuier, pensamento sapatão e arte drag. Seus trabalhos se materializam nos campos da escrita instalada e da palestra-performance, investigando os dispositivos acadêmicos enquanto plataformas performáticas. E-mail: [deborapazetto@gmail.com](mailto:deborapazetto@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8292039196009295>.